



Do outro lado do tempo

Marianela Valverde

PREFÁCIO

E se a Terra não fosse redonda?
E se as pessoas nascessem velhas e morressem novas?
E se andássemos de cabeça para baixo?
E se não houvesse dinheiro?
E se as doenças fossem controláveis sem medicina e sem cirurgia?

E se a imortalidade fosse uma forma de expiar os erros?
E se os anjos fôssemos nós próprios?
E se... mais “ses” tivéssemos para explicar?
Não haveria respostas para as dúvidas, se o ser humano não as descobrisse e ampliasse no universo do seu conhecimento progressivo.

Por isso, Aristóteles descobriu; Eratóstenes aperfeiçoou; e Newton provou cientificamente que a Terra é redonda. E fê-lo muito antes de Einstein surgir na nossa vida a complicar o já evidente com a sua teoria tridimensional.

Pois bem: de evolução em evolução transformou-se com o tempo e pela mente de cada um a roda dos enfeitados, ou roda dos expostos, nalguma coisa que de condenável passou a conveniente e de conveniente se transformou em barbárie. Só que, pelo homem e pelo seu estranho comportamento, se concluiu que a roda dos expostos transformasse quem se servia dela em crime consumado, a cada passo, e ainda hoje, com a morte da criança indesejada.

Marianela Valverde, com este seu romance de história, costumes, vida e dignidade, já ganhou o Prémio da Sensatez e da Eloquência ao dar conta à vida que a vida, em certos casos, está muito longe de ser bela e apetecível e que, por razões que a escritora explica, seria preferível que ao Ser Humano não

Título

Do outro lado do tempo

Autor

© Marianela Valverde

Imagem de capa

As Abandonadas

Autor: Constantino Fernandes (1878-1920)

Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça

Cedência do Município de Alpiarça

Coordenação da Edição

© Alfarroba

Design

Alfarroba

Impressão e Acabamento

Diário do Minho

ISBN

978-989-8888-68-6

Depósito Legal

463 945/19

Data da Edição

Novembro 2019

Por vontade da autora, o livro não segue as normas do AO 90.

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º

2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223

e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Assentos consultados nos Arquivos da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e
nos registos da Torre do Tombo.

fosse dada a oportunidade de existir numa Terra redonda, e que as crianças nascessem velhas para, progressivamente, com o tempo a correr, tivessem possibilidade de ser novas e beneficiar, não da roda dos expostos, mas sim de círculo – ciclo de amor e do carinho.

Gostaria de pensar que este romance de ternura e verdade fosse igualmente uma história de alerta para a vida que, sendo já tão difícil de viver, ao menos que pudesse ser uma vida baseada em bons pensamentos, em actos puros e em objectivos construtivos. Só porque não faz sentido ter um filho para o enjeitar, para o deixar no Convento ou na Santa Casa para lhe dizer adeus, de olhos encharcados em culpa e em dor, porque o frágil Ser Humano que o concebeu serviu-se da árvore do amor fugaz, da árvore do prazer, para transformar a impureza do desejo numa maior impureza: a do abandono, do medo, da vergonha e do “crime”.

Dizia-se no século XIV que essa era uma prática comum em toda a Europa católica!

Mas que estranha forma de acreditar em Deus e de transformar a beleza do Universo no mecanismo duma roda que rangia desespero a cada movimento do mecanismo que acudia ao apelo exterior, sem que se visse a cara do depositante. Que estranho! Que duro! Que romance de vida, Marianela!...

Por mim, pobre mortal sem procura de eternidade, mas pedindo paz e solidariedade fraterna aos que estão comigo, apenas acrescento um outro pedido: que leiam este livro até ao fim, ainda que molhando cada página com lágrimas de assunção de um pecado colectivo que nos obrigamos a expiar em conjunto.

Se o fizerem, ficarão por dentro de um excelente romance e de uma história de vida que restarão além da última página. É que este livro da Marianela Valverde não tem fim. É um “milagre” de escrita.

Fernando Correia
Jornalista, Radialista e Escritor

INTRODUÇÃO

A história da ancestralidade estrutura-se na sequência original e lógica de gerações, com hábitos, costumes e crenças que se foram repercutindo e que num modo de vida quase perpetuado nela constaram denominadores comuns, que transversalmente atravessaram várias épocas. Para o género feminino não existiram tempos de mudança nesse tempo passado. Estas mulheres de outras épocas foram a configuração do sofrimento e da dor, com a subalternização convencional ao dominador masculino assumindo de forma interiorizada esta condição. Usurpadas de sorte aceitavam abnegadamente a vida que viviam, alheias a uma esperança de mudança por desconhecerem a sua existência, onde os anseios ou vontades porventura a surgirem de forma ténue e medrosa no pensamento, não traziam consigo a coragem para pelejar, por entenderem ser tamanho arrojo.

Mulheres de entrega e de nada receber coabitaram na vida com a miséria, encarando a fome e a desgraça como se a vida fosse assim mesmo e só isso, mas cuja singeleza nem sempre conseguia acatar a brutalidade da morte, quando não vingavam os filhos que punham no mundo.

Mulheres com fé, valia-se essa fé do seu iletrismo, reduzindo a sua condição a um ser cujo valor se tinha de restringir ao resultado do sofrimento, porque só a sua grandeza lhes garantiria um lugar no reino dos céus, estimulando o temor do inalcançável, assim não aceitassem o seu penar.

E estas mulheres de poucas alegrias e de sofrimento farto são nossa pertença, fazem parte do que somos, porque professaram os tempos de hoje antípodas dos seus tempos. Sujeitas ao infligir de um menosprezo pelo género feminino, foram

heroínas de forma peculiar, e é através da sua história de vida, que deixaram como legado, que a consciencialização da humanidade iniciou o caminho da respeitabilidade e do reconhecimento do género.

Para estas mulheres, nossas ancestrais, o tributo merecido.



CAPÍTULO I

Anna contemplava a filha com um olhar enternecido, que dormia um sono de anjo na humildade da sua enxerga, ouvinte passiva dos seus lamentos amargurados e onde o seu corpo poisava, padecido. No seu espírito, os pensamentos fervilhavam, e o sofrimento que lhe avassalava a alma era a emanção do modo madrasto como a sorte sempre a tinha tratado. Mas pior do que isso iria ser o destino que daria à sua criança, concluía num rasgo de juízo. Tão infeliz ou pior do que o revés do seu viver. Apoderou-se de si a amargura, nas conjecturas feitas sobre o que iria porvir para a sua cria. Vindo esta escolha de si própria mais criminoso era, sabendo que o desapego era atitude peculiar em madrastra, e o que iria fazer não seria acto de desapego, mas bem pior, era abandono. Matutava-lhe a ideia de tão ignóbil acto provir de uma mãe, já que nem as cadelas se portavam de igual maneira com as ninhadas que pariam.

Mas o que poderia fazer sentindo que o leite já lhe faltava nos seios, e ao qual Carolina, nome escolhido para recordar a sua querida mãe que ficara algures na aldeia, começava a dar sinais de uma fome impertinente, cujos indícios eram os seus choros arrebatados? Deixá-la num definhamento, esvaindo-se-lhe assim a vida até a morte a levar? Não tinha coragem para isso. Era tão cruel e pecaminoso, que só de ter tido tão mau pensamento sentia-se compungida. Nunca iria ter o perdão de Deus, o que azedaria ainda mais o seu viver.

A vontade de morrer penetrou-lhe a mente serenamente, invadindo-a um entorpecimento que a deixou abatida, e fixando o olhar no além que a pequena janela lhe concedia atingir, despertou-lhe a atenção o sopro rijo do vento que se sentia, não dando parança aos galhos das árvores que bailavam com movimentos ondulantes.

As tábuas velhas do casebre gemiam pelo açoitamento do

vento que intrusamente penetrava pelas frestas, encarangando de frio o corpo de Anna, falho de abafos. Um tropel de uma carroça atroou de repente na rua, cuja poeira era agora um mar de lama, pela força da chuva que ia caindo.

Ela e Carolina eram as únicas presenças naquele pequeno casebre, e o rareamento do sol e da claridade confinava-as à luz das velas de estearina, que tomaram o lugar de permanente presença. O candeeiro passou para o canto do esquecimento, evidência que o pó que o cobria dava a entender, porque pela sua escassez, o azeite, tinha deixado há muito de existir. A mesa e os dois bancos prostrados no meio do casebre surtiram de um improviso de várias tábuas carunchosas, que mãos mestras tinham conseguido com pregos meio ferrugentos aparentar-lhes alguma feição, e ao fundo da enxerga jazia uma velha arca, refúgio dos seus poucos haveres, que avizinhavam com recordações trazidas da sua casinha algures na aldeia, umas gravuras de uns poucos santinhos, seus devotados; as cortinas gastas e amarelecidas pelo sol pretendiam compor o pobre espaço, tendo a incumbência de o embelezar. Anna Pereira indiciava alguma beleza, mas que a miséria não a autorizava evidenciar. Os cabelos negros e crespos viviam em prisão perpétua num nó enrolado na nuca, apesar dos caracóis rebeldes que pela sua teimosia vingavam indo postar-se na sua frente, e a tez era de uma palidez amarelecida, não por resguardo de dias soalheiros e abrasadores, mas antes pela sua fraqueza, sinal de vida farta de fome. Do corpo magro ressaltava a finura da cintura, que ajudava a evidenciar uns seios redondos e firmes, apesar de pequenos em volume. A estatura não mostrava apercebimento da razão da sua pequenez, podendo culpar-se a fome passada e que daí proviesse algum raquitismo, mas a aparência de rapariguita em corpo de mulher já feita concedia-lhe um ar cândido e gracioso.

Da labuta diária na casa da sua senhora trazia uns parques réis, que raras vezes lhe davam para pequenos “luxos”, presunção vinda das pessoas endinheiradas, mas que na verdade eram somente meios preciosos para simplesmente sobreviver.

Água existia na bica da Travessa da Bica dos Anjos, mas até lá tinha de calcorrear um bom pedaço de caminho, para encher as duas bilhas de barro marcadas por rachas e lascas que indiciavam o seu desgaste. A água que da bica jorrava era o único bem concedido por não constar obrigatoriedade de pagamento, razão que levava os habitantes dos bairros de casebres velhos ao seu redor a permanentes caminhadas, mais parecendo romagens a um lugar santificado. E com verdade não deixava de o ser. Era o usufruto de um bem sagrado, e assim também o era para Anna, porque infortunadamente não poderia ser de outra forma, porventura bem menos penosa. Bastaria poder gastar alguns patacos que permitissem pagar a um qualquer aguadeiro galego que passasse perto do seu casebre, e não teria de aguentar tal carregio, inquirindo-se vezes sem conta qual seria a fonte onde sorvia aquela força, pois só a julgava possível em animal de carga.

